



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 14 de agosto de 2025)) Ano XXV)) Nº 1164
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

/eshoje

@eshoje

eshoje

eshoje

ECONOMIA

Descrição
de minério
nas fábricas)) 4



DIVULGAÇÃO

ARTIGO

Solidão,
isolamento,
fobia social)) 2



DIVULGAÇÃO

CULTURA

A arte pela
experiência
e vivências)) 5



PAULA BARBOSA

Mais de 400 mil na fila para atendimento especializado

Segundo painel da Secretaria de Estado da Saúde (Sesa), só em 2025 são mais de 5 milhões de solicitações, com espera média de mais de 240 dias)) 3



DIVULGAÇÃO

RAPHAEL CÂMARA

A questão de Solidão

Imagino-me cruzando a rua Deocleciano de Oliveira, no Centro de Vitória, numa tarde qualquer do ano 1975. Do jeito que estou hoje: roupa preta, gravata escura e tez franzida própria da segunda-feira mal começada. Casmurro como sempre e como, aliás, são retratados os nossos heróis daquele tempo, gente de pouco sorriso, gente de poucos amigos, gente que só sabe viver com gente.

Estivesse então naquele tempo, com os olhos de hoje, veria eu homens e mulheres solitários, com poucos afetos públicos e muitos deveres a cumprir. Muito magros, quase esqueléticos, andavam muito até Santo Antônio ou Jucutuquara, fumando e caminhando como se aquilo fosse se repetir para sempre, imortais pela ingenuidade da juventude.

Consigo imaginar mais. Entre as casas quase idênticas, a casa da amante. Entre as mesas de madeira, a do namorado escondido.

Uma olhada para fora, para onde a vista alcança. Nada de Europa ou Estados Unidos, mundos antigos e novos impossíveis e desconhecidos. O sonho dos moradores da rua Deocleciano de Oliveira parava ali mesmo, na rua 7 de Setembro, quando o ar taciturno abria espaço para certa falta de decoro. Uma leve pausa em favor da lassidão humana.

Essas gentes podiam ser tudo isso. E eram. As conhecia bem, embora em 1975 eu ainda não estivesse por aqui. Pelo menos no começo. Mas de tudo, nada

ali representava solidão, isolamento ou fobias sociais. O tempo era matemático e comandado pelo relógio da praça Oito, com aquele obelisco grotesco que assusta até hoje.

A ninguém era dado o direito de intervir. Havia tempo para tudo e a vida não estava sob demanda. Alguém deveria esperar em casa enquanto outro – o irmão mais velho, talvez – fugia rapidamente para furtar manga até a relógio mandar voltar. Esse menino, o irmão mais velho, sujo e sorridente, voltava na ho-

ra certa, conhecia os tempos dos pais e a língua dos vizinhos. Corria sozinho, mas não saberia soletrar a palavra solidão.

Muito menos senti-la.

A solidão paradoxal do tempo mais conectado da história humana é um fruto amargo. Uma geração inteira perdida entre bichos, eletrônicos e jogos. Não trabalhamos mais nem menos que meus amigos da Deocleciano de Oliveira. Apenas não andamos entre gentes. Pequenas Versalhes as nossas pobres vidas, cheias de flores e tantas co-

res, com muros tão altos e tão bem construídos que fariam meus amigos daqueles tempos chorarem pela primeira vez.

Já estive por entre esses muros. Mas eles não me comovem mais. A sedução por devolver a vida aos farrapos é mais forte, porque, de certo modo, estamos aqui para isso. Para pular os muros e não construí-los. Aliás, já disseram, que a melhor maneira de manter alguém preso é não deixá-lo saber da prisão.

Fuja ainda que tudo te custe. Até breve!



ESHOJE | 25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Audiência

www.eshoje.com.br7.515.540 page
views em 2025Impressões de
anúncios
4.665.696Engajamentos
681.303

Canal do Youtube

27.176
Inscritos2.238.552
visualizações até
agora485.822 mil
visualizações em
2025
24.844 horas em
2025

Programas autorais:

- EntreVistas
- Desenvolver
- ES Pod
- Pode Comer
- SaborES
- Transmissões de jogos de futebol de times do ES



Rádio Web

13351 ouvintes
únicos Totais8482 ouvintes
únicos em 2025

Programas autorais:

- Manhã ES Hoje
- ESporte Hoje
- Som Daqui
- Direto ao Direito
- Conexão Total
- Transmissões de jogos de futebol de times do ES



Redes Sociais

174 mil
seguidores77.321
seguidores2.247
seguidores6.720
seguidores2.638
contatos

Digital e Impresso

Formato impresso:
periodicidade
semanal - sexta-
feira
distribuição Grande
Vitória
2 mil exemplares/
semanaFormato Digital:
periodicidade diária
- segunda a sex.
distribuição app de
mensagens seg-sexRevista da Folia:
Impresso e digital
Sazonal

Projetos especiais

Moqueca027

Troféu Melhores
do Capixabão

MulherES

Cobertura do
Réveillon de
Vitória ao Vivo

1 de jan. a 16 jul. 25



Mais de 400 mil aguardam atendimento especializado

No Espírito Santo o tempo médio de espera na fila de agendamentos é de 246 dias

DANIEEH COUTINHO

danihcourtinho@eshoje.com.br

Mais de seis meses é o tempo que Flávio aguarda para ter uma consulta com psiquiatra para seu filho, um jovem de 18 anos que sofre de depressão e chegou a atentar contra a própria vida. O pai pediu para que seu sobrenome e o nome do filho não fossem divulgados, uma vez que, sem conseguir iniciar acompanhamento com o especialista, é a rede de apoio que tem segurando a barra da família - formada por ele e um casal de filhos.

"A situação é muito delicada. Nós moramos no Espírito Santo há cinco anos e somos nós três e as amigadas que construímos aqui. Meu filho apresentou um quadro depressivo no início do ano e na unidade de saúde do meu bairro a psicóloga encaminhou para psiquiatria. Desde então tentamos agendar, sem conseguir. Depois disso meu filho, com apenas 18 anos, tentou suicídio e não consigo tratamento para ele. Vivo com a ajuda das pessoas e um alerta constante por medo do que possa acontecer", desabafou Flávio.

O caso dele pode ser incluído no universo dos 414.796 pacientes na fila de espera. A psiquiatria só perde para a busca de atendimento de neurologia pe-

diátrica: especialidade que tem 12 mil pessoas, entre adultos e crianças, esperando para serem assistidas pelo especialista.

Outra especialidade muito concorrida é neurologia. Somadas procuras por região, são mais de 25 mil pacientes aguardando atendimento.

Segundo painel da Secretaria de Estado da Saúde, só em 2025 são 5.567.787 solicitações de agendamentos, mas 5,3 milhões ofertas. "Sortudos" são os 4.246.366 pacientes agendados, contudo, a espera é longa: em média 246 dias.

“A psicóloga encaminhou para psicanalista em janeiro e até hoje não conseguimos”

Flavio C, pai

TELEMEDICINA

Na tentativa de acelerar esse atendimento em julho desse ano o Espírito Santo passou a contar com o serviço de Teleconsultas em todas as 78 cidades.

O serviço começou em janeiro deste ano, inicialmente, na Região Sul e já contabilizou mais de 25 mil pacientes atendidos; até 18 especialidades médicas são ofertadas conforme a demanda de cada município.

Com o uso da tecnologia, a teleconsulta permite que pacientes recebam atendimento médico especializado sem precisar se deslocar por longas distâncias. Muitas pessoas, que antes enfrentavam horas de viagem até outras cidades para uma simples consulta, agora são atendidas no próprio município, com mais conforto, segurança e dignidade.

De acordo com o secretário, a ampliação da teleconsulta é fruto de planejamento, investimento em infraestrutura digital e integração entre as redes de atenção à saúde.

"A presença da teleconsulta em todo o Espírito Santo é um passo concreto na construção de um sistema de saúde mais moderno, que coloca as pessoas no centro das decisões e utiliza a inovação como ferramenta para salvar vidas e melhorar o cuidado com os capixabas. É o Governo do Estado aproximando a saúde de quem mais precisa", concluiu Tyago Hoffmann.



FOTOS: REPRODUÇÃO DA INTERNET

No painel de controle é possível identificar as especialidades mais demandadas, como neurologista

As policlínicas

EMBORA a teleconsulta possa diminuir as consultas, outro entrave são os exames pedidos a partir dos encontros entre pacientes e médicos especialistas. No Espírito Santo há dois centros de especialidades (CRE Metropolitano e CRE São Mateus), e dois núcleos de especialidades (em Cachoeiro do Itapemirim e em Colatina). Em algumas cidades, como Vitória, há centros municipais de especialidades.

"A telemedicina é sim um grande avanço e ajuda a reduzir a espera pela consulta. A deficiência de especialistas e a carência assistencial demandam esses recursos é possibilidade que, na teleconsulta, o especialista oriente o clínico geral na condução do atendimento que demanda especialidades", avaliou Liliam Gomes, da organização social Instituto Social de Saúde e Ambiental, responsável por implantações de policlínicas de especialidades nos estados do São Paulo e Pará.

"No Pará tinha fila de 2 a 3 anos de espera em especialidades muito demandadas, como cardiologista e essa espera caiu para 30 dias. Uma policlínica pode ter um hall de especialidades identificadas a partir de estudos realizados pela secretaria



REPRODUÇÃO DA INTERNET

Pará entre referências no Brasil pela implantação de policlínicas

de saúde do Estado. Em cada uma delas, além do médico, todos os exames envolvidos nesta especialidade, no mesmo lugar. O foco é o diagnóstico. A policlínica de especialidades é unidade estratégica", explicou Liliam Gomes.

As policlínicas são unidades especializadas de apoio diagnóstico, com serviços de consultas clínicas, realizadas por equi-

pes médicas e não médicas de especialidades diferentes (definidas com base no perfil epidemiológico da população da região), realização de exames gráficos e de imagem com fins diagnósticos e oferta de pequenos procedimentos. A construção de uma série delas no Brasil foi contemplada pelo Novo PAC da Saúde anunciado pelo Ministério da Saúde.



DIVULGAÇÃO

“Teleconsulta em todo ES é um passo concreto na construção de um sistema mais moderno”

Tyago Hoffmann, titular Sesa

PL prevê descrição de minérios na fabricação

Telefones celulares, eletrônicos e carros elétricos, por exemplo, teriam de vir com uma tabela

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Em meio à cobiça dos Estados Unidos de Donald Trump pelas riquezas minerais brasileiras, foi apresentado no Congresso Nacional um projeto de lei que estabelece a divulgação da relação de minérios contidos nos equipamentos e produtos industrializados nacionais.

De autoria do senador Jayme Campos (União-MT), a proposta pretende tornar obrigatória a publicação de informações sobre a composição mineral de cada produto tecnológico comercializado no país. Telefones celulares, aparelhos eletrônicos e mesmo carros elétricos, por exemplo, teriam de vir com uma tabela informando quais minérios foram utilizados em sua fabricação, em que quantidade e qual o impacto esperado ao longo de sua vida útil.

Na justificativa do projeto, Campos lembra que a prática já existe nas indústrias alimentícia (lista dos ingredientes e tabelas nutricionais), de eletroeletrônicos (selo Procel) e de equipamentos a combustão (selo Conpet). O senador escreveu ainda que, "com base na composição [apresentada nas tabelas], o poder público poderá avaliar os produtos nacionais com base na quantidade de cada recurso mineral que emprega, bem como em relação à utilização de produtos provenientes de reuso e reciclagem".

A ideia foi levada a Campos pela Febrageo (Federação Brasileira de Geólogos). Segundo o presidente



REPRODUÇÃO DA INTERNET

A proposta foi idealizada pela Federação Brasileira de Geólogos (Febrageo) e apoiada por empresas do setor

da entidade, o geólogo Caiubi Kuhn, os motores do projeto são a discussão sobre transição energética e a necessidade de a população conhecer o que está consumindo de recursos minerais.

Além disso, aponta, a proposta pode ser uma contribuição importante para alcançar o ODS [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU] de consumo e produção sustentável. "[Se aprovado], fomentaria a economia circular e daria a possibilidade ao consumidor de usar as informações como um padrão para escolha. A discussão sobre transição energética ou sobre minerais críticos acaba esbarrando na disponibilidade desses elementos no planeta. Mas como discutir essa disponibilidade se o consumidor não sabe o que está utilizando?", questiona Kuhn, que é professor de engenharia de minas da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso).

O diretor-presidente do Ibram (Instituto Brasileiro de Mineração, que representa as maiores mineradoras do país), Raul Jungmann, considera o projeto "positivo, pois visa tornar pública e conhecida da sociedade a presença de minérios nos produtos finais, algo como vemos nos alimentos e remédios".

Embora ressalte que pode não ser simples de implementar ("especialmente quanto às ligas multi-metálicas"), Jungmann -ex-deputado federal e ex-ministro dos governos FHC e Temer- defende que o Ibram apoie o projeto.

"Não se compra minério de ferro em supermercado"

O GEÓLOGO e empresário mineirador Luiz Antônio Vessoni, diretor da ABPM (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa Mineral e Mineração, que representa empresas médias e pequenas do setor), afirma que a entidade também endossa a proposta. "Porque nem a população nem os políticos fazem a mínima ideia de como a mineração se encaixa na vida das pessoas. Só se vê o buraco da mina. Mas não vê o lado bom da mineração, que é o carro, a comida -que tem os fertilizantes-, o celular".

"Você não compra minério de ferro no supermercado. Então esse projeto tem exatamente o objetivo de mostrar para a população onde a mineração está entranhada na vida dela pelo lado positivo, nos produtos que ela consome", observa Vessoni.

Segundo o diretor da ABPM, o recente tarifaço do governo Trump tem tudo a ver com o projeto de lei apresentado no Senado. "Por trás do tarifaço, todos nós sabemos, está um reposicionamento estratégico dos EUA em função do crescimento da China em tecnologia, energia e armamentos. A base disso são as terras raras, que são mi-



A expectativa é que o Brasil se torne o maior produtor de terras raras

nério", diz Vessoni.

"Em breve o Brasil pode ser o maior produtor ocidental de terras raras, a ponto de reposicionar a geopolítica estratégica do mundo. Só que o Brasil corre o risco de ser um mero fornecedor de minério. Então precisa-

mos trazer a cadeia produtiva de terras raras para dentro do Brasil, senão o país continuará exportando minério sem ter uma política, não vai ter um aproveitamento real do que a mineração pode trazer para a sociedade".



REPRODUÇÃO DA INTERNET

O poder público poderá avaliar os produtos nacionais com base na quantidade de cada recurso mineral que emprega

Entre atravessamentos, vivências e experiências

Trajetoária artística de Geovanni Lima é marcada por escuta radical de corpo, vozes e memórias

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Geovanni Lima tem um corpo que pensa e uma escuta que produz imagem. Sua trajetória é marcada por trânsitos que não se explicam apenas pela formação acadêmica — embora esta seja robusta —, mas por uma escuta radical daquilo que ecoa à margem: corpos, vozes, memórias, ausências, rituais, ancestralidades. Com atuação como artista, professor e pesquisador em arte, ele entrelaça campos sensíveis que se articulam para além de categorias fixas.

A sua presença no campo das artes visuais brasileiras se dá de forma singular, sem passividade em seus gestos. Suas proposições artísticas operam pelo deslocamento e pelo cuidado, evocando experiências que não necessariamente se explicam, mas que se sentem. Há uma pedagogia da vibração em tudo o que propõe.

Se há um traço comum que atravessa a produção de Geovanni, talvez seja a recusa em se acomodar. Nesta conversa, abrimos espaço para ouvir mais de perto os sentidos e os movimentos que atravessam sua caminhada. Um convite para quem deseja pensar a arte como campo de presença, deslocamento e reencantamento.

“Busco estimular os estudantes a explorarem suas próprias histórias e contexto”

ES Hoje: Como sua formação na UFES (Artes Visuais), Unicamp (mestrado e doutorado) e a especialização em Artes na Educação (Vitória) contribuíram para a construção do conceito de performance-testemunho, que desenvolveu?

Giovanni: Minha formação em Artes Visuais evoca como material poético, o corpo que posuo e os processos aos quais ele foi e ainda está submetido. Sou um sujeito negro, LGBTQIAPN+ e gordo, que tem sustentado na articulação de vivências, processo criativo. Esse caminho que percorri nessa formação passa pelo olhar atento à constituição do meu corpo, aos processos íntimos, às memórias que me formam e às vivências coletivas da população afro-brasileira.

Quais os principais aportes teóricos e metodológicos do seu mestrado?

No mestrado me relacionei principalmente com três teóricos: Diana Taylor e as perspectivas abarcadas nos conceitos de “arquivo” e “repertório”; Richard Schechner e os estudos da performance; e Abdias do Nascimento, com a ideia de quilombo como possibilidade estética. Esses teóricos me ajudaram a olhar para minha produção pensando em uma articulação entre a teia contemporânea de artes visuais estabelecida no contexto brasileiro e global, dialogando com os processos que me conformam e formam. Metodologicamente, aproximo os apontamentos desses pesquisadores à série de performances “Exercícios para se Lembrar”, que desenvolvi especialmente para o mestrado, na qual retomo artisticamente três memórias que descrevi em meus diários da infância: duas experiências racistas vivenciadas na escola e as caminhadas que realizava para participar de cultos religiosos junto da minha família.

Como define e aplica a ideia de performance-testemunho nas obras?

Esses trabalhos atendem às três categorias que sustentam a performance-testemunho: sou um artista racializado e me encontro no Brasil, na América Latina. Minhas vivências, portanto, são atravessadas pelos processos coloniais aos quais os corpos aqui posicionados estão submetidos.

Pode compartilhar sua experiência como professor efetivo do Instituto de Artes da UFU?

Caminhar é uma prática que me interessa profundamente, assim como a possibilidade de me conectar a pessoas, a práticas e a territórios diversos. Esse processo não apenas instiga nas minhas funções como professor, pesquisador e artista, mas também enquanto gente. Estar em Uberlândia, na Universidade Federal de Uberlândia, representa uma oportunidade de compreender de que maneira as questões que permeiam minha pesquisa podem se entrelaçar com as investigações que já estão sendo realizadas nesse contexto específico. Agora vivo entre a Ilha e o Cerrado. Minhas linhas de pesquisa, que exploram a intersecção entre arte, identidade e memória coletiva, exercem um papel significativo na área de Ensino de Arte ao fomentar uma reflexão crítica sobre como as experiências, tanto



Amanda tem pesquisa artística voltada para o barro, como linguagem simbólica e ancestral

as individuais quanto as coletivas, podem ser integradas ao ambiente educativo, sobretudo no pautado pelas Artes Visuais. Em minhas aulas, busco estimular os estudantes a explorarem suas próprias histórias e contextos, valorizando a diversidade cultural e as narrativas pessoais de cada um.

Como se deu sua atuação na coordenação de políticas de gênero em Vitória?

Minha passagem pela Coordenação de Políticas para Diversidade Sexual e Gênero na Prefeitura de Vitória foi muito rápida. Nesse sentido, não houve impacto significativo na educação artística e, possivelmente em nenhuma outra área, pois a gestão que ocupava a prefeitura na época era conservadora e não tinha essa pauta como prioridade. Uma ação de relevância dessa passagem foi o Manifesto LGBTQIAPN+ de 2019, organizado pela Associação GOLD e realizado com recursos da prefeitura, que pude gerir e acompanhar como gestor.

Como surgiram e o que motivou os festivais que coordena — Festival Lacração Arte e Cultura LGBTQIAPN+ e o Sêrão de Performances Marcus Vinícius...

Todos os trabalhos que desenvolvo, tanto os artísticos quanto os de gestão, só se materializam quando as questões que os tangenciam me afetam como ser humano. O Festival Lacração Arte e Cultura LGB-

TQIAPN+ existe porque sou um indivíduo pertencente a essa comunidade e senti/sinto a necessidade de criar um espaço que celebre e visibilize nossas experiências. O Sêrão de Performances Marcus Vinícius só existe porque é por meio da performance que vou encontrando meu lugar no mundo e expressando minha identidade.

Fala também dos grupos de pesquisa “Ecossistemas audiovisuais: teorias, histórias e poéticas” e “3P – Práticas e Processos de Performance”...

Esses grupos me ajudam a ter contato com professores, artistas e pesquisadores que se inserem no campo em que atuo. Me ajudam a atualizar minhas pesquisas. Tanto os grupos quanto os participantes e as discussões que empreendemos, me afetam.

“Os trabalhos que desenvolvo só se materializam quando as questões que os tangenciam me afetam como ser humano”

Como foi a indicação ao Prêmio PIPA de Arte Contemporânea em 2021?

A indicação representa um reconhecimento significativo da minha trajetória, iniciada em 2014. Essa indicação amplificou meu alcance no cenário das artes visuais e da performance, me conectando a uma rede mais ampla de artistas, curadores e críticos, e facilitando diálogos e colaborações.

Suas obras estão nos acervos da Associação Videobrasil, do Governo do ES e da PMV, né?

Esses trabalhos refletem minha experiência como pessoa racializada, atuando como uma articulação poética das vivências que experimentei/experimento. O impacto institucional que essas obras promovem é significativo, pois estão disponíveis em acervos de alcance nacional e internacional, permitindo que minhas narrativas alcancem um público mais amplo e contribuam para a visibilidade das questões que abordo.

Como concebeu e desenvolveu a obra Círculo Máximo (2024), instalada no Parque Cultural Casa do Governador?

O trabalho reflete a profunda conexão entre a arte e as negritudes negro-brasileiras, convidando à reflexão sobre nossas raízes enquanto povo brasileiro. Cada escultura se ergue como um símbolo das memórias e ancestralidades, representando a força dos orixás que, de maneira geral, são cultuados no Brasil.